Podcast de reportagem sobre os Direitos - Episódio 7

O direito à educação inclusiva

**Locutora1:** [00:00:00] Este podcast é apoiado pelo Programa Direitos, Igualdade e Cidadania da União Europeia.

**Neven Milivojevic:** Bem-vindo ao podcast de Reportagem sobre os Direitos. Este é um programa que visa melhorar os direitos dos cidadãos com deficiência visual na Europa. E o meu nome é Neven Milivojevic e vou apresentar o episódio de hoje. E hoje o tema é sobre um direito muito importante, que é o direito à educação na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. A CDPD reconhece, no artigo 24º, o direito à educação inclusiva para todas as pessoas com deficiência. Mas o que é que isto significa de fato e que medidas são necessárias para torná-lo possível? Bem, como todos sabemos, as visões políticas às vezes não se transformam em realidade e é por isso que precisamos de falar sobre como tornar isto mais possível na Europa. Hoje, vamos conhecer dois especialistas. Temos duas ilustres convidadas, uma de Portugal e outra da Suécia. E vamos ouvi-las sobre os seus esforços sobre as barreiras e os desafios, mas também sobre as possibilidades e ferramentas para soluções. Antes de apresentá-las, gostaria de chamar a vossa atenção para o fato de que devemos ouvir Kevin Kjelldahl, que se formou recentemente na sua escola secundária no oeste da Suécia, e perguntámos-lhe quais foram as suas experiências em relação à educação inclusiva enquanto aluno cego.

**Kevin Kjelldahl:** Quando era criança, comecei a ir para a escola como todas as outras crianças na Suécia. No meu país temos a oportunidade de frequentar a escola durante 12 anos sem pagar nada até terminarmos o ensino secundário. Andar na escola pode funcionar de maneira bastante diferente dependendo de onde moramos, pois cada região tem os seus próprios regulamentos.

Para mim, funcionou muito bem, na generalidade. Mas uma coisa que foi um pouco difícil foi a parte das relações sociais, porque as coisas desenvolvem-se muito rapidamente e nem sempre é fácil acompanhar o que os outros estão a fazer nos intervalos. Quando somos pequenos, podemos correr e brincar com as outras crianças, mas quando somos mais velhos, a maioria das pessoas apenas se senta e assiste a vídeos do YouTube durante esses intervalos. Eu achei que era mais difícil a escola secundária em comparação com a escola primária e a escola preparatória, porque, na Suécia, deveriamos assumir mais responsabilidades a partir da escola secundária. No entanto, nem sempre as coisas funcionam assim, infelizmente. Por exemplo, eu tive uma professora de inglês muito má que não me conseguia dar a ajuda e o apoio de que eu precisava na sala de aula. Ela não descrevia o que desenhava e escrevia no quadro branco, e dava-me textos para ler em PDF, que não é um formato muito acessível para mim. Eu teria preferido obter esses textos em word. E por causa disso, tive que fazer um curso de inglês durante dois anos em vez do período normal de um ano. Isso não foi de grande utilidade para a minha motivação. Eu também acho que é muito importante podermos ter influência na escolha do assistante do aluno o mais cedo possível, porque devemos ser capazes de colaborar com essa pessoa e cada um de nós sabe qual o melhor tipo de apoio de que precisa. Mesmo no meu caso, por exemplo, eu tive uma pessoa que tinha dislexia, como professor de apoio, o que talvez não tenha sido a melhor coisa para mim. Fiz cursos extra além dos obrigatórios e não funcionou muito bem ter alguém que tivesse dificuldades de leitura e escrita, quando precisava de ajuda para escrever algo, ou em alguns casos também para ler algo ou ter alguém para me ajudar a explicar certos termos matemáticos, por exemplo. No entanto, eu acho que sempre tive um grande apoio na utilização do Braille e é bom saber disto, quando ouço outros casos em que as pessoas não tiveram o apoio necessário para aprender Braille. Uma explicação pode ser que eu sempre quis aprender a ler desde criança. Por isso, sempre assegurei o contato com a Agência Nacional Sueca para as necessidades especiais em educação e escolas. Isso é tudo o que tenho para dizer. Obrigado por ouvirem a minha história.

**Neven Milivojevic:** Eu gostaria de dar as boas-vindas às nossas duas convidadas do podcast de hoje. Em primeiro lugar, temos a Dra. Ana Sofia Antunes, Secretária de Estado para a Inclusão das Pessoas com Deficiência, em Portugal. Seja muito bem-vinda Dra. Antunes. Também temos a Dra. Malin Ekman Aldén, Diretora Geral da Agência Sueca para a Participação. Muito bem-vinda. Vamos começar consigo, Malin. Quais os seus comentários após ouvir a história do Kevin? Como descreveria os desafios da educação inclusiva na Suécia?

**Malin Ekman Aldén:** Eu acho que, do meu ponto de vista, existem desafios diferentes e acho que ele os está a enfrentar muito bem. Um dos desafios básicos é, claro, ter igualdade de acesso à educação, aos materiais, a um ambiente inclusivo que realmente permita que aprendam e estudem nas mesmas condições que os outros alunos. E acho que ainda há muitas barreiras a serem removidas, removidas para garantir que os jovens com deficiência visual tenham as mesmas oportunidades e também tenham as mesmas oportunidades para alcançar o melhor resultado possível que eles precisariam para prosseguir a sua educação e para a sua vida profissional e assim por diante. Por isso, há muitas coisas práticas em torno dos dispositivos técnicos, obviamente, também literatura de livros, literatura acessível, mas também professores que possam realmente ensinar de uma maneira inclusiva, que possam acompanhar o que está a decorrer na sala de aula e também serem capaz de participar nas diferentes atividades que estão a decorrer. Eu acho isso muito básico. É por isso que vamos à escola. Mas eu acho que a escola também é um espaço onde nos estamos a preparar socialmente para a vida adulta e para a educação superior, a vida profissional. E assim inclusivo, do meu ponto de vista a inclusão também é ser incluído socialmente.

E eu acho que é um grande desafio para muitos jovens com deficiência visual, que estão de certa forma colocados no sistema escolar comum. Mas o ambiente e a maneira como, na realidade, as coisas estão estruturadas em torno das suas necessidades extra de apoio, não existe um apoio real à inclusão social. Muito facilmente os alunos ficam isolados. Talvez por falta de oportunidades práticas. Eles têm que ocupar muito tempo com os trabalhos de casa, na realidade só tendo acesso a coisas básicas. E isso também pode significar que, depois da escola, acabarão sem a confiança e as competências sociais suficientes para estarem realmente bem preparados para o que farão mais adiante. E eu acho que isso também é algo que deve ser considerado, porque as competências sociais e a capacidade de interagir realmente numa sociedade de pessoas com visão plena é muito, muito importante, na verdade, para ser bem-sucedido e estar confiante nas situações futuras. E isso também faz parte, pelo menos na Suécia, está até inscrito como um princípio básico no currículo nacional e é também algo muito importante que as escolas também devem fornecer e apoiar para as crianças com deficiência.

**Neven Milivojevic:** Exatamente e ele, de facto, mencionou isto e assim está a colocar o nosso dedo em algo muito importante. Bem Dra. Antunes, o que diria sobre a situação em Portugal, por exemplo, se o Kevin tivesse frequentado a escola aí, as suas experiências teriam sido semelhantes? E diria que existem alguns e quais seriam os principais desafios em Portugal quando se trata de educação inclusiva?

**Ana Sofia Antunes:** Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer esta oportunidade para estar aqui neste podcast. Bem, eu gostaria de começar dizendo que provavelmente os principais desafios sobre a educação inclusiva são tão semelhantes considerando as realidades dos diferentes países, especialmente quando estamos a falar de países europeus que têm um bom nível de procedimentos relacionados com a inclusão. Em Portugal, temos um caminho muito concreto feito na área da educação inclusiva. As nossas primeiras experiências na inclusão das crianças com deficiência nas escolas regulares são das décadas de 70 e 80 do século passado. E, claro, como penso que aconteceu noutros países europeus, nós começámos com as crianças com deficiências sensoriais e físicas. É um processo que levou o seu tempo, mas com o passar dos anos ele foi-se implementando. E atualmente, claro, ainda temos desafios, mas podemos dizer que tivemos sucesso neste processo. Neste momento temos 98% das nossas crianças com deficiência incluídas nas escolas regulares. E as nossas experiências com as escolas especiais são tão poucas. E realmente achamos que provavelmente dentro de alguns anos, não muitos anos, provavelmente, já não teremos estas escolas especiais. Apesar disso, em 2008, fizemos uma grande reflexão sobre este assunto e concluímos que o nosso principal desafio eram as crianças com deficiência mental e cognitiva, pois estas crianças específicas não estavam incluídas nas nossas escolas regulares.

E assim, com a nova legislação aprovada neste ano de 2008, nós estabelecemos esta obrigação e está só a considerar esta determinação, esta nova legislação que todos nós hoje podemos dizer e podemos ter este nível, estes números de inclusão. E quando eu falo em inclusão, estou a usar as palavras correctas, porque o que eu achei quando iniciei as minhas funções no governo português há seis anos foi que, claro, quando falávamos de deficiência intelectual e cognitiva, tínhamos a capacidade de levar estas crianças para a escola regular, claro, mas não construíamos a inclusão. Construímos a integração. Mas muitas vezes o que nós víamos é que estas crianças, apesar de estarem na escola regular, não estavam realmente inseridas nestes espaços, nestas comunidades educativas. Mais frequentemente o que nós gostaríamos de ver é que estas crianças estavam lá, mas não estavam na sala de aula, não estavam com os colegas, com os outros alunos. Por isso foi uma nova evolução que tivemos que fazer. Com mais regulamentação aprovada em 2018 que aprovou novas obrigações para as escolas, claro, novos recursos. Mas um dos principais impulsos nas posições que ainda estabelecemos com esta nova legislação foi a obrigatoriedade de que todas as crianças, apesar da sua deficiência específica, tinham de ficar na sua própria sala de aula com os seus professores regulares e com os seus colegas, num mínimo de 70% do tempo letivo semanal.

**Neven Milivojevic:** Bem, isso é muito interessante. Mas se passarmos talvez para como devemos combater esses desafios, que vocês as duas viram nos vossos respectivos países, por exemplo, Dra. Aldén, quais seriam as principais ferramentas de sucesso para conseguir uma maior inclusão ou uma educação mais inclusiva, na sua opinião?

**Malin Ekman Aldén:** Eu acho que são necessárias várias ferramentas. Quero dizer, obviamente que precisamos de recursos suficientes nas escolas e no sistema e os recursos são, obviamente, o dinheiro, mas também são bastante formação e, bem, formação e oportunidades de desenvolvimento não apenas para os alunos, mas também para os professores e também para pessoas em cargos de direção como diretores e assim por diante. Porque, pelo menos na Suécia, os diretores que dirigem as escolas têm muita influência sobre como as coisas estão organizadas e como os recursos estão distribuídos. Por isso, isso é muito importante. E há também, acho que é uma questão importante, que pelo menos na Suécia, está sob uma grande discussão é que precisamos de recursos humanos suficientes, porque se temos grupos muito grandes, turmas ou assim por diante e não há professores suficientes e talvez outro pessoal de apoio, é muito difícil realmente atender às necessidades de cada aluno. E isso é realmente a base para poder ter um bom ambiente inclusivo aos alunos, que mesmo sem uma deficiência podem ter outras necessidades especiais. Por isso, eu acho que isso é muito importante e, é necessária muita formação, para poder realmente, num sentido prático, atender não apenas às necessidades das crianças com deficiência, mas também a outras crianças com outras necessidades, obviamente.

Mas também é muito necessário, sabe, ser um pouco criativo e ter também uma boa compreensão de como a situação pode ser diferente com necessidades diferentes. E eu acho que os professores são realmente um fator-chave para garantir que a inclusão funcione e isto precisa de ser abordado muito cedo na idade escolar. Acho que começar muito cedo com as crianças a criar um ambiente onde haja espaço e interesse por cada um e onde realmente também se organize tudo é bom, não só nas salas de aula, mas também nos intervalos e na educação físcia. Quaisquer que sejam as diversas disciplinas que se tenha no currículo escolar, deve-se considerar que todos devem ter a oportunidade de realmente ser uma participar em igualdade de condições. Eu acho que os professores têm um impacto realmente crucial para garantir, porque muitas vezes se se tem uma criança com deficiência, tenta-se resolver a situação nomeando um assistente ou outra pessoa de apoio na sala de aula. E em vez de realmente trabalhar com todo um grupo, toda a turma, está-se de certa forma a retirar a criança e a resolver as coisas do lado que não promove a inclusão do meu ponto de vista.

Tem que ser de uma forma a que os professores tenham as ferramentas, o conhecimento, a compreensão e tempo e recursos suficientes e essa é realmente a chave para alcançar a inclusão. Por isso, acho que isto é realmente o que é importante. Mas tenho que voltar à questão da socialização, porque penso que às vezes, estamos muito focados na situação académica, o que obviamente é muito importante e a razão por que se está na escola, mas para garantir uma boa situação académica, também precisamos de identificar outras coisas na escola, como a situação social. Porque, quando olhamos para a situação das crianças com deficiência na Suécia, nas escolas suecas, podemos ver que há um grande número de incidentes de assédio, casos de bullying, e assim o bem-estar psiquiátrico do grupo não está assegurado. E não acontece porque a sala de aula está a funcionar mal, mas sim, em muitos casos, porque nos intervalos, nas tardes livres, ou em outros momentos, conforme o modo como a escola está organizada, há muitas coisas a acontecer fora da sala de aula que estão realmente a afetar a autoconfiança da criança, e também a oportunidade de realmente aprender. Por isso, acho que isso é muito importante.

**Neven Milivojevic**: É muito isso. Obrigado. Dra. Antunes, do seu ponto de vista, quais seriam as principais ferramentas de sucesso para, por exemplo, implementar o artigo 24º da CDPD?

**Ana Sofia Antunes**: Bem, recentemente aprovámos em Portugal a nossa Estratégia Nacional sobre a Inclusão das Pessoas com Deficiência 2025. E nestes documentos políticos, tentamos organizá-la tanto quanto possível na mesma linha da CDPD e da Estratégia Europeia sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, recentemente aprovada. Os nossos principais desafios estão descritos e presentes neste documento. Nós achamos que, claro, fizemos um bom caminho, mas nós todos temos sempre mais e mais que podemos fazer para transformar a experiência das crianças com deficiência na escola regular numa experiência realmente inclusiva. Assim, um dos grandes desafios que estamos a enfrentar neste momento é que organizemos este processo de inclusão a partir de uma rede de escolas de referência. Considerando esta proposta partindo do princípio que não seria possível ter todas as tecnologias e todos os recursos técnicos disponíveis em todas as escolas, estabelecemos um grupo grande de escolas de referência. Os alunos devem mostrar preferência para atender estas escolas. É fácil pôr isso em prática nas grandes cidades, claro, mas é muito difícil manter esta posição, quando falamos do interior do país, porque temos alguns locais para onde as crianças com deficiência têm que viajar hoje em dia, uns 80 a 100 quilômetros para frequentar a escola e isto não é aceitável no século 21, é claro. Assim, agora temos este desafio de trazer mais escolas para esta rede, para esta realidade. E temos que dar a estas novas escolas todas as condições para receber e incluir corretamente os alunos com deficiência.

**Neven Milivojevic:** Estas estruturas políticas como a CDPD e a europeia foram uma ajuda? Considera-os úteis no trabalho de desenvolvimento de mudança de processo?

**Ana Sofia Antunes:** Claro. Claro. Eles são realmente úteis. E no trabalho que fazemos estreitamente com o Ministério da Educação em Portugal. Para entender, o Secretário de Estado da Inclusão faz parte do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. Mas nós, claro, tentamos fazer um trabalho transversal com as diferentes áreas do governo. E uma das partes mais fortes do trabalho que sempre fiz é com o Ministério da Educação. E também sabemos disso, quando estamos a preparar estas escolas para receber um novo aluno. Temos vários desafios a enfrentar, o primeiro de todos e o mais simples de resolver são os recursos humanos. Claro, todos eles nos fazem pedidos não específicos ou técnicos, nem para professores ou professores de educação especial, mas o mais frequente é pedirem pessoal de apoio. Por exemplo, neste momento, com o forte processo de inclusão de crianças com autismo, diferentes espectros de autistas, esta necessidade de pessoal específico para manter estas crianças em sala de aula é uma das mais frequentes. Apenas para concluir, eu acho que o nosso principal desafio é superar esta dificuldade. Não sei se temos uma ferramenta específica, mas nós temos que ser criativos e temos que ser capazes de encontrar sempre novas soluções. E a nossa maior ferramenta, eu acho que o nosso maior desafio, continuo a dizer, que são as nossas mentes. Numa altura do século 21, quando eu tenho algumas famílias de crianças com deficiência a tentar defender um processo de retorno às escolas especiais, porque acham que as crianças não precisam de estar nas salas de aula regulares, que não precisam de ter contato com as crianças sem deficiência. Este é o maior desafio que temos que enfrentar: são as mentalidades, as mentes, e encontrar novos caminhos, novas formas de continuar esta luta que a inclusão.

**Neven Milivojevic:** Obrigado. Então, Dra. Aldén, Kjelldahl, ele referiu o quão importante o Braille era para ele, que ele realmente muito cedo conseguiu aprendê-lo. E eu estava a pensar, tem algum ponto de vista de quão importante isto poderia ser também e avalia que esta é uma oportunidade que é amplamente dada aos alunos os quais poderiam utilizá-la nas suas vidas?

**Malin Ekman Aldén:** Eu acho que se é uma pessoa cega, o Braille é absolutamente essencial porque esse é o seu tipo de linguagem de leitura, certo? Acho que muitos jovens hoje têm negado o Braille, porque existem tantas soluções baratas e acessíveis que se concentram mais na audição, porque essa é uma maneira mais barata e fácil de resolver o problema que se concentram mais na audição e que de certa forma é uma forma mais barata e fácil de resolver o probelma que se está realmente a ouvir muitas coisas. Mas se não se fizer isso, se só ouvir as coisas durante o periodo escolar, não será capaz de soletrar, não será capaz de entender como os nomes estrangeiros são realmente soletrados e como estão escritos. Há tantas coisas que se está realmente a perder de certa forma, está-se a tornar um pouco num, como se diz, analfabeto, se não tiver acesso ao Braille. E acho que na Suécia, o acesso ao Braille é um problema que se está a aproximar. Porque, quando muitas pessoas que estavam realmente a promover o Braille e também especialistas neste campo talvez se estejam a reformar agora e não há o enfase suficiente do Braille, porque os grupos que utilizam o Braille na Suécia, pelo menos porque nós somos um país pequeno, muito, muito poucas crianças que hoje se tornam cegas, cegas totais, são utilizadoras do Braille. Mas, para aqueles que são ou se tornarão utilizadores do Braille em idades mais avançadas, é absolutamente essencial, ser realmente capaz de ter uma boa educação.

Por isso, eu acho que juntamente com outras competências como a mobilidade, é realmente crucial se se tem uma deficiência visual. Para pessoas com deficiência visual como eu, os computadores podem realmente resolver muitas coisas, porque se pode ter, sabe, letras ampliadas, que não estavam tão disponíveis antes da era dos computadores, que como eu sou muito velho, mas hoje pode-se e isso será realmente uma ajuda, especialmente para aprender a soletrar e também para aprender línguas estrangeiras, o que é uma coisa fundamental atualmente no mundo moderno, especialmente aqui na Europa. Por isso, eu acho que isso é um problema como ele está a explicar e também a oportunidade de realmente utilizar o Braille através, sabe, através de materiais que estão disponíveis é muito limitada. E eu acho que há algum desenvolvimento técnico e pode fazê-los mais como cópias automáticas em Braille hoje em dia. Mas ainda há muita necessidade de desenvolver mais as técnicas e também a sua disponibilidade.

**Neven Milivojevic:** Obrigado, Dra. Aldén, vou dar-lhe uma última palavra para nos falar rapidamente sobre o que é que a Agência faz, da qual é Diretora Geral. Mas antes, queria perguntar à Dra. Antunes, pois sei que é utilizadora do Braille quais são suas experiências e a importância do Braille para quem precisa dele na escola.

**Ana Sofia Antunes:** Sim, eu sou uma utilizadora do Braille desde muito nova, desde os seis anos. Neste assunto, só posso concordar e reforçar absolutamente as palavras da Drª Aldén e é muito, muito necessário. É muito importante que uma criança, uma criança cega no processo educativo desde a primeira vez, desde o primeiro ano, tenha contato com o Braille porque um processo educativo feito apenas com base na audição não é possível. A primeira razão é obviamente a, não sei como se diz em inglês, mas a ortografia. Como se soletram as palavras? Como se soletra isso? E como se escreve? E, claro, terá consequências no futuro de uma criança cega, de um jovem cego, de um adulto cego, quando ele estiver, por exemplo, a candidatar-se a um emprego. Mas não é só por isso, é claro, porque todo o processo de aprendizagem vai acontecer quando não se tiver o contato correto com o aprendizado, com a língua que se usa. Sou utilizadora do Braille desde muito nova, claro, também utilizo o ampliado em alguns contextos. E claro, em Portugal também temos este desafio, porque temos um número reduzido de crianças, felizmente, claro, que nasceram totalmente cegas. Nos primeiros anos, quando promovemos a transição destas crianças da escola especial para a regular, tivemos um problema porque não tínhamos um corpo técnico especializado no Braille nestas escolas regulares. Por isso, estas crianças, nos primeiros anos da transição, não tiveram o contato correto com o Braille. Agora a realidade não é tão má. Claro, agora tivemos tempo nos últimos 15 anos, dez anos para promover a formação de muitos técnicos em Braille. Mas eu acho que isto não é suficiente. E, claro, precisamos de complementar este processo de aprendizagem com o acesso a equipamentos tecnológicos para tentar que as crianças continuem a utilizar o Braille ao longo das suas vidas.

**Neven Milivojevic:** Muito obrigado, Dra. Antunes. E sim e é por isso que é muito bom que tenhamos, por exemplo, uma CDPD onde é realmente afirmado que deve haver uma disposição sobre o ensino do Braille, quando necessário. Por isso, essa é uma ferramenta muito boa. Agora, eu queria fazer a última pergunta à Dra. Aldén, porque nós entendemos o que o Secretário de Estado e os Ministérios Governamentais estão a fazer, mas talvez para alguns dos nossos ouvintes, a Agência para a Participação é algo que não conhecemos necessária e imediatamente o que é. Assim, poderia dizer-nos brevemente de que é que é Diretora Geral?

**Malin Ekman Aldén:** Sim, claro, eu vou tentar. A Agência é uma Agência governamental e o nosso trabalho é realmente apoiar o Parlamento e o Governo na Suécia no acompanhamento da política nacional de deficiência, mas também apoiar, porque é uma política transversal que na verdade está a identificar todos os diferentes setores da sociedade. Portanto, também somos incumbidos de realmente apoiar os diferentes setores a desenvolver o seu trabalho para garantir a inclusão das pessoas com deficiência e a base para a política e para o nosso trabalho, obviamente, é a CDPD. E isso foi desenvolvido numa decisão nacional aprovada pelo Parlamento há alguns anos, onde está um pouco desenvolvido sobre como isto deve ser feito. Por isso, isso é realmente o que fazemos e fazemos isto de maneiras diferentes. Estamos a acompanhar com base em diferentes estatísticas e dados, obviamente. Mas também estamos a fazer diferentes tipos de inquéritos e entrevistas e entendemos a nossa ideia de como realmente se entende o impacto e o resultado de uma política de deficiência é que se tem que começar realmente a envolver e conversar com as pessoas afetadas no fim, os utilizadores finais como pessoas com deficiências próprias e as suas organizações e através de suas histórias sobre como a política está realmente a funcionar ou não, então pode-se completar e aprofundar o entendimento por meio de dados e diferentes tipos de estudos qualitativos.

Por isso, na verdade, é assim que nós trabalhamos. E acho que também no campo, que temos monitorado muitos setores diferentes, mas a educação é algo a que estamos sempre a voltar, porque a educação e o direito ao emprego são talvez as coisas mais básicas na verdade para conseguir uma vida mais inclusiva a longo prazo. E quando falamos sobre a educação, monitorização e a educação, também fizemos muitos estudos baseados na realidade de conversas com os próprios alunos, como o Kevin, com quem começámos, porque eu acho que tanto na compreensão da situação do sistema educacional, mas também para encontrar o tipo certo de soluções, precisamos de conversar com os alunos, acho eu, porque é muito diferente ser uma adulta como eu. Embora eu tenha sido uma aluna com deficiência visual há muitos anos, eu não tenho o entendimento correto sobre quais são as soluções que estão realmente a funcionar para as crianças ou a criança ou o aluno, e por isso precisamos realmente de os envolver. E tentámos também utilizar este tipo de metodologia no nosso trabalho, também noutras áreas, mas também na área da educação. E isso é muito, muito resumidamente, o que estamos a fazer.

**Neven Milivojevic:** Muito, muito obrigado às duas. Foi muito inspirador e eu acho que as duas são altamente conhecedoras deste campo e que serão uma grande inspiração para os nossos ouvintes em toda a Europa. Por isso, estamos muito gratos. Mas antes de encerrarmos o episódio de hoje, gostaria de lembrá-los que existe uma nova plataforma relacionada com a área do Braille. É novo no Braille e quer entender a ideia dos pontos no papel ou numa linha Braille? Está interessado em métodos de ensino e de formação em Braille? Quer conhecer novos equipamentos que utilizam o Braille para comunicar, ou deseja obter inspiração sobre jogos ou brinquedos em Braille para o seu filho ou um aluno com deficiência visual na escola? Bem, ou talvez seja um especialista e tenha algumas experiências especiais com a utilização do Braille que gostaria de partilhar com as outras pessoas. Então o espaço web da União Europeia de Cegos é para si. Vamos criar um espaço com todas as informações sobre o Braille na Europa. Cheio de novidades. Visite livingbraille dot EU que se escreve l i v i n g b r a i duplo l e ponto eu, por isso livingbraille ponto EU e mergulhe no mundo Braille.

Muito obrigado por ouvirem o podcast de reportagem sobre os direitos. Este programa faz parte do projeto europeu PARVIS que é coordenado pela União Europeia de Cegos, a Associação Sueca de Deficientes Visuais e a Eye Association dos Países Baixos. Este projeto é apoiado pelo Programa Direitos, Igualdade e Cidadania da União Europeia. Ficou curioso e gostaria de saber mais? Bem, pode encontrar os detalhes dos contactos nas notas do programa. Eu gostaria também de agradecer ao Emil Cornelisse, que é o nosso técnico de som a trabalhar nos Países Baixos. Este foi o último episódio da primeira temporada do podcast Rights Reporting. Se perdeu algum dos nossos seis episódios, poderá encontrá-los no seu player de podcast ou no sítio eletrónico da União Europeia de Cegos. Desejamos a todos muita saúde e sucesso no vosso trabalho e compromisso por uma sociedade igualitária. Tenham um bom dia.

**Locutora:** [00:32:19] Este podcast foi apoiado pelo Programa Direitos, Igualdade e Cidadania da União Europeia.

FIM DO DOCUMENTO.